

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



REPRESENTAÇÕES DA VINCULAÇÃO À MÃE VERSUS PAI EM FAMÍLIAS BIPARENTAIS

ANA CHARNEIRA

Tese Submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

ESPECIALIDADE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor António José dos Santos, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, de 2006.

Queria agradecer a todos os que me ajudaram e acompanharam para que esta etapa se tornasse possível:

Começo por agradecer ao meu orientador, Prof. Doutor António José dos Santos, e à Prof. Doutora Manuela Veríssimo, pelo suporte emocional e incentivo dados para a realização desta dissertação.

E por fim, quero agradecer ao meu marido, às minhas filhas, e à minha mãe por toda a compreensão, devido aos momentos que lhes retirei, pelo apoio e por todo o amor que me dedicaram ao longo desta caminhada.

RESUMO

Os Objectivos do presente estudo são: o estudo das diferenças na vinculação estabelecida entre pai-criança e mãe-criança, assim, as crianças foram comparadas em termos de vinculação segura e insegura à mãe versus pai. Este estudo é constituído por uma amostra de 30 participantes com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos de ambos os sexos sendo 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, membros de famílias bi-parentais. Utilizaram-se as Histórias de Bretherton, que consistem em cinco histórias, cada história está formulada de forma a desencadear respostas correspondentes a uma questão particular de vinculação. Os resultados mostram que os pais ao longo do primeiro ano de vida da criança, estiveram atentos aos seus sinais emocionais, respondendo adequadamente, minimizando possíveis perturbações/desconforto e aumentando assim o seu bem-estar, o que origina um padrão de vinculação segura.

Palavras-chave: Vinculação, criança, mãe, pai.

ABSTRACT

The objectives of this study are: the study of differences in the attachment between parent-child and mother-child, so the children were compared in term of secure and insecure attachment to the mother versus father. This study consists of a sample of 30 participants aged between 4 and 5 years for both sexes being 15 males and 15 females, members of families bi-parental. We used the stories of Bretherton, consisting of five stories, each story is formulated to trigger responses corresponding to a particular issue of attachment. The results show that parents during the first year of life, were attentive to their emotional signals, responding appropriately, minimizing possible disruptions/discomfort and thereby increasing their well-being, wich creates a pattern of secure attachment

Key Words: Attachment, child, mother, father.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Natureza e Função da Vinculação	1
Os primeiros Estudos Empíricos: A Observação Naturalista	3
A Vinculação ao Pai	4
MÉTODO	8
Delineamento	8
Participantes	8
Instrumentos	8
Procedimento	9
ANÁLISE DOS RESULTADOS	11
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – História “Sumo Entornado”	11
Tabela 2 – História “Joelho Magoado”	12
Tabela 3 – História “Monstro no Quarto”	12
Tabela 4 – História “Partida”	13
Tabela 5 – História “Reencontro”	13
Tabela 6 – Tipos de Resposta por História	14
Tabela 7 – Total dos Tipos de Resposta por História	15
Tabela 8 – Género e Vinculação	15
Tabela 9 – Quem Resolve História a História	16

INTRODUÇÃO

Natureza e Função da Vinculação

A noção de que vinculações são relações de base segura é o núcleo característico da teoria de vinculação (Waters e Cummings, 2000 cit. Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B.E., Santos, A., Bost K., 2008). A teoria da vinculação (*Attachment Theory*) resulta dos trabalhos de Bowlby e Ainsworth (1991) com origem em conceitos vindos da etologia, da cibernética, do processamento de informação, da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise.

Para Bowlby (1969) o facto de uma criança estar vinculada significa que ela está disposta a procurar a proximidade e o contacto com a mãe, nomeadamente quando se encontra em desconforto físico (medo, fome, cansaço ou doença).

Então, o estar vinculado vai-se distinguir do comportamento da vinculação uma vez que o segundo vai-se referir às diversas técnicas utilizadas pela criança de forma a estabelecer, manter ou aumentar a proximidade com a mãe, com o fim de ser protegida dos perigos do meio, enquanto que o primeiro, consiste num sistema comportamental de segurança, que serve a função de protecção contra predadores.

Mais tarde, Bowlby (1990, cit. Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B.E., Santos, A., Bost, K., 2008) caracterizou a figura de vinculação como a base segura que serve a exploração das crianças, usou a analogia de uma força expedicionária afastando-se de uma fortaleza segura, confiante na crença de que a base segura estaria disponível e seria capaz de dar protecção e outros apoios no caso de a expedição requerer assistência ou segurança no decurso da exploração. No seu ponto de vista, a confiança da criança na base segura torna possível uma excursão mais prolongada, expansiva e lucrativa, longe da base segura à medida que a criança se desenvolve.

Para o autor (1969), cada um dos comportamentos acima referidos, manifesta-se em determinadas situações, produzindo efeitos específicos no comportamento materno.

Entre os nove e os dezoito meses estes comportamentos mais simples vão sendo organizados e coordenados num sistema comportamental mais complexo e sofisticado de fins corrigidos, que são activados quando a criança se sente em situação ameaçadora.

Este sistema é composto por duas partes fundamentais - o meio de receber e armazenar instruções em relação ao objectivo traçado, e o meio de comparar efeitos. Então, a natureza organizacional do sistema de vinculação inclui várias etapas: a primeira etapa é o estabelecimento de um objectivo, por parte da criança, de modo a controlar o tempo e o grau de proximidade a manter com a mãe; a etapa seguinte é fazer o balanço entre a proximidade e a distância/exploração e, por fim, saber quando activar o próprio sistema de vinculação.

O comportamento de vinculação pode ser activado, segundo Bowlby (1969), por factores internos – a criança -, ou externos – a localização e comportamento da mãe, assim como o meio. A criança pode apresentar aspectos como fome, frio, dor ou fadiga, que resultam numa maior proximidade à figura de vinculação, ou até no contacto com ela. Em relação à mãe, a sua atenção e presença levam a que a criança se sinta motivada para explorar o meio, afastando-se mais desta - pelo contrário, a ameaça de separação pode mobilizar a activação do comportamento de vinculação.

Estes comportamentos organizam-se através de um desenvolvimento em quatro fases, não havendo entre elas uma barreira nítida. Este desenvolvimento é universal, e podem existir diferenças em relação à duração e/ou ocorrência dessas fases, bem como na forma de ligação mãe-criança:

1ª Fase: Orientação e sinais com uma discriminação limitada das figuras.

Decorre desde o nascimento até aos dois /três meses.

2ª Fase: Orientação e sinais dirigidos para uma figura discriminada

Decorre entre os três e os seis meses, embora não tenha um início definido.

3ª Fase: Manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais. Esta fase tem início aos seis/sete meses, estendendo-se até aos 24 meses.

4ª Fase: Formação de uma relação recíproca corrigida por objectivos.

Esta fase inicia-se entre os 24 e os 36 meses, não tendo um fim determinado.

O bebé ao nascer, vem equipado com um certo número de sistemas comportamentais prontos para serem activados. Bowlby desenvolveu este conceito de sistemas de comportamento como um sistema de controlo concebido para um fim específico, sendo activado ou desactivado consoante certas condições (Ainsworth e Bowlby, 1991).

Este conceito veio enfatizar a organização interna e o desenvolvimento dos modelos de interacção da figura de vinculação e do próprio que, por sua vez, vão possibilitar o desenvolvimento de uma parceria em que ocorre a correcção de objectivos entre mãe e a criança. Estes vão desenvolver um padrão de interacção único e uma sintonia própria que resulta em satisfação para ambos. Assim, a relação que se estabelece entre a díade é recíproca e interactiva, sendo através dela que o bebé obtém as primeiras impressões do que o rodeia (Ainsworth e Bowlby, 1991).

Contributo de Mary Ainsworth: os Padrões de Vinculação

Os Primeiros Estudos Empíricos – a Observação Naturalista

Para Bretherton (1992), a teoria da vinculação formou-se pelo trabalho de Ainsworth e de Bowlby. Bowlby formulou uma descrição inicial da teoria da vinculação; Ainsworth, conduziu no Uganda, o primeiro estudo empírico sobre a organização comportamental da vinculação.

Com base nos resultados obtidos, foram observados três tipos de padrão de vinculação distintos (Ainsworth e Bowlby, 1991):

- Crianças seguramente vinculadas – choravam pouco e pareciam interessadas em explorar o mundo na presença da mãe;
- Crianças inseguramente vinculadas – choravam com alguma frequência mesmo ao colo das mães e exploravam pouco o meio;

- Crianças não vinculadas – não manifestavam diferenças de comportamento para com a mãe.

Ainsworth (cit. por Bretherton, 1992), entre 1963 e 1967, verificou que a vinculação segura se encontrava positivamente correlacionada com a sensibilidade materna. Sendo, os bebés cujas mães eram sensíveis aos seus sinais tendiam a ser vinculados seguramente, os bebés que tinham mães menos sensíveis eram frequentemente classificados como tendo uma vinculação insegura.

A Vinculação ao Pai

Segundo Bowlby (1969), o bebé estabelece uma relação privilegiada com a figura que lhe proporciona regularmente os seus cuidados básicos, tornando-se esta a figura de vinculação. (Soares, 1996). Bowlby (1969) defende que o bebé possui mais do que uma figura de vinculação, mas que tende a preferir a figura materna, para obtenção de conforto e segurança. Esta preferência, designada por monotropia, tem subjacente uma hierarquia das figuras de vinculação que tem a ver com o tempo despendido na prestação de cuidados ao bebé, o investimento emocional do adulto, a qualidade dos cuidados prestados e a presença da figura de vinculação na vida do bebé. (Colin, 1966; Cassidy, 1999, cit. por Soares, 1996).

Tem havido menos investigação acerca da vinculação ao pai do que à mãe, mas ambas as relações seguem padrões similares. Foram efectuados alguns estudos no sentido de compreender se a vinculação à mãe e a vinculação ao pai são dependentes uma da outra, como os de Goosens e van IJzendoorn (1990), Verschueren e Marcoen (1999) ou a meta-análise efectuada por Fox, Kimmerly e Shafer (1991). Estes estudos revelam, que a vinculação da criança ao pai e à mãe é bastante semelhante. Embora, alguns autores tenham constatado que a qualidade de vinculação à mãe é independente da qualidade de vinculação ao pai (e.g. Steele, Steele e Fonagy, 1996).

Assim, sendo ambas as relações independentes, importa considerar os padrões de interacção da criança com o pai e com a mãe. Parke (1995, cit. por Grossman *et al.*, 2002) refere que as experiências tidas com a mãe são diferentes das que tem com o pai;

A mãe é responsável pela saúde e prestação de cuidados da criança, enquanto que o pai é responsável por assegurar os recursos para a família. Assim, o pai envolve-se menos com a criança do que a mãe, sendo o jogo o principal contexto interactivo. Para Lewis (et al., 2003) os estilos paternos são muito semelhantes aos maternos, havendo uma tendência para uma maior sensibilidade da parte da mãe. No entanto, nos primeiros meses de vida do bebé, os pais interagem com os recém-nascidos de forma semelhante às mães (Rodholm e Larsson, 1982, cit. por Lewis *et al.*, idem).

Durante o primeiro ano de vida, estas semelhanças nos estilos de interacção mantêm-se. Ambos os progenitores são suficientemente sensitivos às mudanças desenvolvimentais nas preferências e capacidades da criança, adaptando correctamente os seus padrões de jogo e estimulação. O pai apresenta uma maior sintonização durante o jogo aos interesses do bebé; é um facto que o pai se envolve mais no jogo do que nos cuidados primários, sendo estes deixados para a mãe (Lewis *et al.*, idem). Assim, pai e mãe possuem diferentes estilos de brincar e de comunicar; as mães pegam ao colo o seu bebé aquando da prestação de cuidados, os pais fazem-no durante o jogo ou quando o bebé o solicita (Belsky, 1979; Lamb, 1976, cit. por Lewis *et al.*, idem).

No que diz respeito à rede de relações familiares, é importante ter em conta os aspectos sistémicos da paternidade no seio familiar. O pai envolve-se mais nas interacções com a criança quando ambos os progenitores se implicam na interacção entre eles (Belsky, Gilstrap e Rovine, 1984, cit. por Lewis *et al.*, idem). Segundo Lundy (2002, cit. por Lewis et al., idem), a insatisfação conjugal prejudica a sincronia paterna, e, conseqüentemente a segurança da vinculação pai-criança.

Para Cox, Owen, Henderson e Margand (1992, cit. por Belsky, 1996), a interacção pai-criança é caracterizada, em caso de vinculação segura, como mais sensitiva, recíproca, afectuosa, activa e positiva do que em díades com um padrão inseguro. Belsky (idem) afirma que a qualidade da vinculação ao pai está correlacionada com: a harmonia entre as relações trabalho-família, a qualidade das relações conjugais, e por último a extroversão e “agreeableness” (agradabilidade) paternas. Ou seja, quando o casamento é vivenciado de forma mais positiva e sente maior apoio entre o trabalho e a família, tal vai promover o tipo de paternidade que estimula uma vinculação segura. Como conclusão, Belsky (idem) refere que quantos mais recursos estiverem à

disposição da família, maior a probabilidade da criança desenvolver um padrão seguro de vinculação ao pai.

Hewlett (1992, cit. por Grossmann *et al.*, idem), afirma que o pai, enquanto transmissor cultural activo, além do conhecimento e conselhos, fornece novas experiências, durante as quais se constitui como companheiro familiar da criança. No mesmo sentido, Lamb (1975, cit. por Grossmann *et al.*, 2002) descreve o pai como o elo entre a criança e o mundo exterior. Grossmann (et al., idem), conclui que a qualidade da vinculação ao pai está associada não só à responsividade e sensibilidade paternas, como também a uma atitude de cooperação e desafio durante o jogo.

No estudo de Grossmann (*et al.*, idem) a importância da sensibilidade no jogo para o estabelecimento do laço vincutivo, revela-se na sua forte relação com os modelos internos dinâmicos do pai: verificou-se, por um lado, que os pais que valorizavam as relações de vinculação eram mais apoiantes, sensitivos e adequadamente desafiantes durante o jogo; por outro lado, também a percepção paterna das suas próprias relações de vinculação na infância estavam associadas à qualidade da vinculação pai-criança.

Verschueren e Marcoen (1999) demonstraram que diferentes cuidadores influenciam diferentes aspectos do desenvolvimento. Concluíram que, as diferentes influências de vinculação à mãe e da vinculação ao pai podem ser compreendidas pelas diferenças entre as interacções criança-mãe e criança-pai: a mãe é essencialmente uma prestadora de cuidados, respondendo às necessidades da criança de conforto, afecto e alimentação; o pai, por outro lado, é um companheiro no jogo, respondendo às necessidades da criança de brincadeira, estimulação e exploração do mundo externo. Ou seja, o papel da mãe enquanto figura de vinculação consiste em transmitir à criança segurança quando o sistema de vinculação desta está activado, um aspecto importante do papel do pai será, através do apoio sensitivo e desafiante enquanto parceiro garantir à criança a segurança necessária nos momentos em que o seu sistema de exploração está activado. Nesta perspectiva sobre os papéis parentais, enfatiza os dois pólos do equilíbrio vinculação-exploração no comportamento da criança (Grossmann *et al.*, 2002).

Como conclusão, Bowlby (1979, cit. por Grossmann et al., idem), refere que a sensibilidade na prestação de cuidados está para o sistema de vinculação criança-mãe, como a sensibilidade paterna no jogo está para o sistema de vinculação criança-pai.

Neste estudo, pretende-se confirmar a hipótese de que existem diferenças na vinculação estabelecida ente pai/criança e mãe/criança.

Pretende-se então, contribuir para chamar à atenção da importância das relações de vinculação da criança face ao pai e face a ambos.

A variável independente será a figura paterna e materna.

A variável dependente será a qualidade de vinculação estabelecida com a figura paterna ou materna, operacionalizada através das Histórias de Bretherton, em termos de “script” seguro ou inseguro.

Assim, as crianças serão comparadas em termos de vinculação segura e insegura ao pai versus mãe.

MÉTODO

Participantes

Os participantes do estudo constituem-se em crianças de ambos os sexos, 15 raparigas e 15 rapazes, com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, e que sejam membros de famílias biparentais, residentes na freguesia de Sto. António Charneca - Barreiro.

Instrumentos

O instrumento utilizado no presente estudo consiste no início de cinco histórias passíveis de serem agidas com pequenas figuras de membros de famílias e outros adereços simples. Cada história está formulada de forma a desencadear respostas correspondentes a uma questão particular da vinculação. Estas histórias baseiam-se num estudo prévio, realizado em colaboração com Marjorie Beeghly, no qual se avaliou a compreensão da criança sobre emoções e papéis. As questões levantadas nas histórias incompletas são: história um, a figura de vinculação num papel autoritário (História do Sumo Entornado); história dois, a dor como um desencadeador de comportamentos de vinculação e protecção (História do Joelho Magoado); história três, o medo como um desencadeador de comportamentos de vinculação e protecção (História do Monstro no Quarto); história quatro, a ansiedade de separação e “coping” (História da Partida), e por último, a história cinco, que são as respostas ao regresso dos pais (História do Reencontro).

Os materiais utilizados são as Figuras de Família: bonecos representativos de duas famílias “realistas, flexíveis”, cada uma delas compreendendo um pai, uma mãe, uma menina e um menino. As duas famílias podem ser combinadas de forma a transformarem-se numa família com pai, mãe, avó e duas crianças, um menino maior e um mais pequeno, uma menina maior e uma mais pequena. Existem também outros adereços como: uma pequena caixa de madeira para representar uma mesa; um bolo de aniversário; um conjunto de pequenos pratos e talheres numa caixa; uma peça de feltro

verde para representar relva (22,5 cm X 22,5 cm); uma pequena esponja artificial cinzenta cortada de forma a parecer-se com uma rocha; uma cama e um cobertor de feltro; e um automóvel.

Procedimento

A recolha de dados para o presente estudo iniciou com a solicitação, ao Conselho Executivo do Agrupamento de Escolas D. Manuel I, da autorização para utilizar três das salas de Jardim-de-Infância como amostra para o presente trabalho. Nesta altura, foram explicados ao Presidente do Conselho Executivo os seus objectivos e a sua metodologia. Após ter sido autorizado, foi necessária a apresentação às Educadoras, pelo que, nesse momento, lhes foi solicitado que entregassem uma carta aos encarregados de educação, onde constava o objectivo, procedimentos a seguir, confidencialidade e a respectiva carta de consentimento, a qual, posteriormente, foi recolhida já assinada.

A colaboração das Educadoras de Infância foi importante, pois permitiram definir um calendário para aplicação do teste, recolheram as cartas de consentimento e também dispensaram as crianças durante os períodos necessários à aplicação do teste.

O instrumento aplicou-se, individualmente, em sala isolada, realizou-se numa mesa pequena, com a criança e o experimentador sentados frente a frente; colocaram-se os adereços conforme necessário, nomeando cada um deles. Depois de cada história, foi pedido à criança para pôr os bonecos num dos lados da mesa, dizendo: “podes prepará-los para a próxima história?”. Para se iniciar a história seguinte, o experimentador diz algo como: “Estás pronto para uma história diferente?”.

Antes de ter iniciado a apresentação das histórias, o experimentador apresentou à criança uma história “quebra-gelo”, de forma a permitir à criança familiarizar-se com o manuseamento das figuras, para cumprir este objectivo, foi escolhida uma história de festa de aniversário. É importante seguir o procedimento standardizado nas histórias que fazem parte da avaliação: “Sumo Entornado”, “Joelho Magoado”, “Monstro no Quarto”, “Partida” e “Reencontro”.

Posteriormente, procedeu-se à cotação dos dados recolhidos através dos instrumentos. Refira-se que as Histórias de Bretherton foram cotadas por dois observadores, de modo a obter uma classificação mais concordante.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Para melhor estruturar a apresentação dos resultados obtidos, optou-se por dividir a análise em nove tabelas.

Inicialmente apresentam-se as tabelas “História a História” (Tab. 1, 2, 3, 4 e 5), de seguida a tabela “Tipos de Resposta por História” (Tab. 6), a tabela “Totalidade de Tipos de Resposta por História” (Tab. 7), depois a tabela “Género e Vinculação” (Tab. 8) e por último, os resultados referentes à tabela “Tipo de Resoluções” (Tab. 9).

História a História – Tabela 1,2,3,4 e 5

Estas tabelas mostram-nos o tipo de respostas mais frequentes e se as respostas dadas pelos pais à criança é adequada ou inadequada.

Tabela 1 - História do Sumo Entornado

Sumo entornado		
Lidar com o acontecimento:		
Limpar o sumo:	16	80,00%
Mãe:	10	
Ambos:	2	
Criança:	4	
Inconclusivo:	3	
Apanhar o copo:		
Ambos:	1	
Disciplina:		
Castigo/ralhar:	11	31,43%
Mãe:	6	
Pai:	5	
Criança chora:	3	
Criança pede desculpa:	1	
Mãe zanga-se:	2	
Pai e mãe zangaram-se:	4	
Criança vai para quarto:	2	
Mãe:	1	
Pai:	1	
Criança leva palmadas:	5	
Mãe:	3	
Pai:	2	
Beber + sumo:	3	
Mãe:	1	
Voltam a comer:	6	

Verificou-se que 50% das respostas dadas pelos pais eram adequadas, contra 31,5% de respostas inadequadas.

Tabela 2 - História do Joelho Magoado

Joelho Magoado		
Respostas empáticas:		
Alguém ajuda a criança (pôr um penso):	18	41,86%
Mãe:	10	
Pai:	8	
Criança:		
Criança é levada ao hospital/médico:	10	
Criança é levada para casa:	6	
Criança aleijada é recolhida, abraçada, mimada:	2	
Mãe:	2	
Pai:	1	
Criança volta a brincar:	3	
Mãe diz que não é nada:	1	
Respostas não empáticas:	1	3,33%
Sujeito ri-se da dor:	1	

Nesta tabela 42% das respostas foram adequadas, e 3,5% foram inadequadas.

Tabela 3 - História do Monstro no Quarto

Monstro no Quarto		
Como se livram do monstro:		
Os pais atingem, batem, matam, lutam com o monstro:	12	25,00%
Mãe:	4	
Pai:	7	
Ambos:	1	
Criança:	1	
Inconclusivo:	3	
Outra pessoa mata o monstro:	1	
Monstro desaparece:	3	
Monstro está morto:		
Monstro foge com medo:	1	
Pais dizem que não vêm o monstro:	5	
Pais mandam embora o monstro:	1	
Crianças vão para quarto dos pais:	1	
Actividades depois de se livrarem do monstro :		
Crianças vão dormir:	17	
Mãe deita-se com a criança:	1	
Criança + velha:	1	
Os dois:		
Pais vão dormir:	1	
Sem resolução de problema do monstro:	2	6,67%
Resolução inicial mas volta outro monstro:	1	
Monstro comeu a criança:	1	
Sem resolução:	1	

Obteve-se 25% de respostas adequadas, contra 7% de respostas inadequadas.

Tabela 4 - História da Partida

Partida:		
Suj coloca pais no carro, eles vão-se embora sem problemas:	17	56,67%
Suj. relutante em deixar: os pais irem: Durante a separação:	13	32,50%
Criança dorme:	1	
Fica com a avó:	6	
Vai brincar:	23	
Vai passear:	2	
Vai comer:	2	
Fica a chorar:	2	
Suj fala ou tenta fazer os pais voltarem:	2	
Criança não sabe o que fazer na ausência dos pais:	2	

Em 57% dos casos foram dadas respostas adequadas pelos pais e 32,5% de respostas inadequadas.

Tabela 5 - História do Regresso

Reencontro		
Durante a chegada:		
Criança tira pais do carro e coloca-os perto das crianças ou a reunião tem lugar no carro :	30	100,00%
Cumprimentam-se:	17	
Retira imediatamente a avó da cena:	8	
Depois do reencontro:		
Criança conta à família o que fez e vice-versa:	1	
Criança/família vão dormir:	1	
A família vai passear:	1	
A família vai toda ficar junta:	3	
Pais dão presentes:	1	
Criança e pais vão para casa:	11	
Criança brinca com os pais:	4	
Não sabe o que aconteceu depois do reencontro:	8	

Verificou-se que 100% dos pais deram respostas inadequadas.

Neste sentido, podemos verificar que a percentagem de respostas adequadas em cada História são as mais elevadas.

Tipos de Resposta por História – Tabela 6

Nesta tabela procurou-se averiguar por história qual o tipo de vinculação que predominava se: segura, insegura ou intermédia.

Tabela 6

	Historias				
	Sumo	Joelho	Monstro	Partida	Regresso
Seguros	25	26	21	23	28
Inseguros	1	2	5	6	2
Intermédio	4	2	4	1	0

Esta tabela foi construída tendo em conta as respostas dadas por cada criança em cada história. Foi atribuído a cada resposta o número um, dois ou três de acordo com seguro, inseguro e intermédio respectivamente, pelo que, após a soma dos mesmos, verificou-se que as crianças na sua maioria, apresentam uma vinculação segura sendo a sua média de 24,6%, contrapondo a vinculação insegura com média de 3,2% e a intermédia de 2,2%.

No que se refere à vinculação segura, obteve-se a maior percentagem na história cinco (93%), estando a seguir a história dois (87%), depois a história um (83%) e por fim as histórias cinco e três (77% e 73% respectivamente). Na vinculação insegura, destacam-se a história três (17%) e a quatro (20%). Na vinculação intermédia, a história um e quatro foram as que apresentaram valões mais elevados (13%).

Total Tipos de Resposta por História – Tabela 7

No seguimento da tabela seis, construiu-se esta tabela, pois apresenta os totais do tipo de respostas dadas. Foi considerado que quando o número constasse três ou mais vezes, seria esse o número a assumir como classificação; ou seja, se uma criança der três respostas ou mais tipo um, o tipo de vinculação a assumir será a segura.

Tabela 7

	Histórias
	Total
Seguros	27
Inseguros	3
Intermédios	0

Após verificados os totais, obtiveram-se 27 crianças seguras (90%), e 3 crianças inseguras (10%).

Género e Vinculação – Tabela 8

Nesta tabela pretendeu-se verificar se existiam diferenças entre os géneros e o tipo de vinculação.

Tabela 8

	Rapazes		Raparigas		Total	
Seguro	14	93,33%	13	86,67%	27	90,00%
Inseguro	1	6,67%	2	13,33%	3	10,00%

Verificou-se que 93% do género masculino e 87% do género feminino tem uma vinculação segura, e que 7% do género masculino e 13% do género feminino tem uma vinculação insegura. Pelo que, não se pode dizer que existam diferenças relevantes entre o género e o tipo de vinculação. As crianças estabeleceram em 90% uma vinculação segura e 10% uma vinculação insegura.

Tipo de Resoluções – Tabela 9

Nesta tabela pretendeu-se averiguar história a história quem resolvia as situações quando a criança solicitava ajuda.

Tabela 9

	Hist 1		Hist 2		Hist 3		Hist 4		Hist 5	
Resolução	nº resp.	%	nº resp.	%	nº resp.	%	nº resp.	%	nº resp.	%
Mae	13	43,33%	10	33,33%	4	13,33%		0,00%		0,00%
Pai	1	3,33%	5	16,67%	10	33,33%		0,00%	1	3,33%
Mae/Pai	10	33,33%	11	36,67%	7	23,33%		0,00%	24	80,00%
Irmao		0,00%	2	6,67%		0,00%		0,00%		0,00%
Ele Ppio	4	13,33%		0,00%	2	6,67%	25	83,33%		0,00%
Avó		0,00%	2	6,67%		0,00%	2	6,67%		0,00%
N. reso.	2	6,67%		0,00%	7	23,33%	3	10,00%	5	16,67%

Na história um, que é uma história que remete para a figura de vinculação num papel autoritário, quem resolve a situação na sua maioria é a mãe (43%), e seguidamente mãe/pai (33%). Na história dois, a dor é tida como um desencadeador de comportamento de vinculação e protecção, a criança recorre à mãe/pai na maioria dos casos (37%), e depois somente à mãe (33%). O medo como desencadeador de comportamentos de vinculação e protecção, é tido na história três como sendo na sua maioria o pai (33%), o qual tem um papel importante, seguindo-se depois a mãe/pai (23%). Nas histórias quatro e cinco, a ansiedade de separação e “coping” é, na sua maioria, resolvida na história quatro pelo próprio (83%) e na história cinco pela mãe/pai (80%).

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Pode verificar-se pelos resultados obtidos em todas as histórias, que os pais deram na sua maioria respostas adequadas aos seus filhos, i.é., ao longo do primeiro ano de vida da criança, estiveram atentos aos seus sinais emocionais, respondendo regularmente, reduzindo assim a perturbação/desconforto e a aumentar o seu bem-estar. O que vai originar um padrão de vinculação segura. (Ainsworth *et al.*, 1978).

No que diz respeito à resolução de situações, verificou-se que a mãe é quem resolve a situação na história um, história esta que remete para a figura de vinculação num papel autoritário e de cuidados básicos, tal como esperado.

Na história dois, onde a dor é tida como um desencadeador de comportamento de vinculação e protecção; na história cinco, já não se passa o mesmo, pois o maior número de resoluções é-nos dado, não só pela mãe mas sim pela mãe/pai. Conforme Bowlby (1969) refere, a criança possui mais do que uma figura de vinculação, tal como demonstrado empiricamente (Ainsworth, 1967; Schaffer e Emerson, 1964, cit. por Grossmann *et al.*, 2002).

O medo como desencadeador de comportamentos de vinculação e protecção é tido na história três, onde o maior número de resoluções recai sobre o pai, o que vai ao encontro da literatura, pois o pai interage com o seu filho de forma diferente da mãe, apresentando uma preferência pela brincadeira, mais vigorosa, que envolve a componente física (Parke, 1995, cit. por Grossmann *et al.* 2002).

Verificou-se que, embora a criança estabeleça uma relação privilegiada com a figura que lhe proporciona os cuidados básicos, de acordo com Bowlby (1969), a criança possui mais do que uma figura de vinculação.

Deste modo, a criança estabelece diferentes padrões de interacção com a mãe e com o pai - segundo Verschueren e Marcoen (1999), a mãe é essencialmente prestadora de cuidados, respondendo às necessidades da criança de conforto, alimentação e afecto; o pai, por outro lado, é um companheiro no jogo, respondendo às necessidades da

criança de estimulação, brincadeira e exploração do mundo externo (social e instrumental). Assim, a vinculação à mãe está associada à sua responsividade e sensibilidade na prestação de cuidados, bem como na sua capacidade de se construir como base segura à criança na sua exploração (Ainsworth *et.al*, 1978). A vinculação ao pai parece associar-se à interacção no jogo, nomeadamente à acessibilidade e proximidade paternas, à afectividade e a uma atitude de cooperação e desafio (Grossmann *et al.* 2002).

Então, os dois pólos do equilíbrio vinculação-exploração, parecem convergir no conceito de “exploração segura” - a resposta da figura de vinculação a uma situação ansiogénica com que a criança se depara durante a exploração, deve caracterizar-se pela sensibilidade às expressões emocionais da criança e pelo apoio, cooperação e desafios adequados (Grossmann *et al.*, 2002). Assim, o que distingue os conceitos de base segura e de exploração segura é o papel dos pais durante a actividade exploratória da criança: se, numa situação de ansiedade a figura de vinculação acompanhar “in loco” a criança nas suas tarefas desafiantes, como um parceiro mais forte e sábio, tal proporciona à criança a hipótese de não regressar à base-segura, evitando assim que se retire do desafio (Grossmann *et al.*, *idem*).

As crianças, cujas relações com os pais são marcadas pela sensibilidade, reponsividade e segurança na exploração, desenvolvem uma percepção de si generalizada de competência e auto-estima, isto é, um modelo interno dinâmico que as representa como merecedoras de afecto e atenção, como confiantes, competentes e seguras. Pelo contrário, uma criança cuja figura de vinculação tende a responder-lhe de forma desadequada e instável, não lhe proporcionando conforto ou segurança, pode gerar um modelo interno de insegurança e de incapacidade para antecipar as acções da figura de vinculação, o que resulta num modelo interno de si como não merecedora de afecto e atenção ou como incompetente (Cassidy, 1990).

Podemos, assim, concluir que a complementaridade entre os papéis de ambas as figuras de vinculação promove na criança um sentimento de segurança e de competência que resultam numa representação favorável de si própria e dos pais, que vai ser alargada ao grupo de pares.

É importante referir que as Histórias para avaliação dos modelos internos de funcionamento da criança e dos seus pais na relação de vinculação (Bretherton, 1990) se revelaram um instrumento válido e capaz na avaliação da vinculação.

Podemos indicar como limitações deste estudo, o facto de amostra ser reduzida, não podendo ser considerada representativa da população portuguesa de crianças do sexo masculino e feminino, bem como o facto de não ter a dimensão suficiente para permitir encontrar diferenças na análise dos dados recolhidos. Deste modo, é preciso ter em conta que os resultados obtidos não podem ser generalizados. Seria então importante, reproduzir este estudo numa amostra mais representativa, que permitisse confirmar os dados que obtivemos.

Os resultados sublinham a importância da figura paterna na vinculação. Assim, parece importante continuar a investigar esta área, desenvolvendo outros instrumentos e formas de medição da vinculação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1969). *Relações Objectais, dependência e vinculação: uma análise teórica das relações da criança com a mãe*. Baltimore, EUA. John Hopkins University.
- Ainsworth, M. (1976). Relações Objectais. Dependência e Vinculação: uma análise teórica das relações da criança com a mãe. In L.Soczka, *Ligações infantis*. Amadora: Liv. Bertrand, 155-224.
- Ainsworth, M. (1979). Attachment and mother-infant interaction. In S. Rosenbalt, R. Hinde, C. Beer & C.Busnel (Eds.), *Advances in the study of behaviour*, 2-51.Nova Iorque, São Francisco: Academic Press.
- Ainsworth, M. (1989). *Attachments beyond infancy*. American Psychologist, 44, 709-716.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., &Wall,S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of strange situation*. New York: Eribaum.
- Ainsworth, M. & Bowlby, J. (1991). *An ethological approach to personality development*. American Psychologist, 46, 333-341.
- Ainsworth, M. & Witting, B. (1969). *Attachment and exploratory behaviour of one-year-olds in a strange situation. Determinants of infant behaviour*. Londres, UK: B. M. Foss Eds.
- Borges, I. (1983). *A organização do objecto e os primeiros meses da criança. A regra e o jogo*. Lisboa
- Bowlby, J. (1969). *Apego e Perda: Vol I*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1976). A natureza da ligação da criança com a mãe. In Soczka, L. (Ed.), *As ligações infantis* (p.105-153). Lisboa: Livraria Bertrand.

Bowlby, J. (1989). The role of attachment in personality development and Psychopathology. In Greenspan, S. & Pollock, G. (Eds.), *The Course of Life. Vol. I Infancy*, 229-270. USA.

Brazelton, T. & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. Ed. Martins Fontes. (Obra original em Inglês 1990).

Brazelton, T. & Cramer, B. (2001). *A relação mais precoce – os pais, os bebés e a interação precoce*. Lisboa: Terramar. (Obra original em Inglês 1989).

Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *In Development Psychology*, 28 (5), 759-775.

Camus, J. L. & Frascarolo, F. (2003). Introduction of the special issue on fatherhood. *European Journal of Psychology of Education*, 18 (2), 95-99.

Camus, J. L. (2002). *O verdadeiro papel do pai*. Porto: Ambar. (Tradução do original em Francês *Le vrai rôle du père*. Éditions Odile Jacob, 2000).

Cassidy, J. (1990). Theoretical and methodological considerations in the study of attachment and self in young children. In Greenberg, M., Cicchetti, D. & Cummings, E. (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, Research and Intervention*, 87-119. Chicago: University of Chicago Press.

Cole, M. & Cole, S. R. (2001). *The development of children (4th ed.)*. New York: Worth Publishers.

Fox, N., Kimmerly, N. & Schafer, W. (1991). Attachment to mother/attachment to father. A meta-analysis. *Child Development*, 62, 210-225.

Goosens, F. & van IJzendoorn, M. (1990). Quality of infant's attachments to professional caregivers: Relation to infant-parent attachment and day-care characteristics. *Child Development*, 61, 832-837.

Greenberg, T. (1999). Attachment and Psychopathology in Childhood. In Cassidy, J. & Shaver, R. (Eds.), *Handbook of Attachment. Theory and Research and Clinical Implications*. New York, The Guilford Press.

Grossmann, K., Grossmann, K., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheurer-Englisch, H. & Zimmermann, P. (2002). The Uniqueness on the child-father attachment relationship: Father's sensitive and Challenging Play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11 (3), 307-331.

Guedeney, N. & Guedeney, A. (2004). *Vinculação – conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em Francês *L'attachement. Concepts et applications*. Paris: Masson, 2002).

Heiss, G. E., Berman, W. H. & Sperling, M. B. (1996). Five sacs in search of a construct: exploring continued attachment to parents in college students. *Journal of Personality Assessment*, 67 (1), 102-115.

Lewis, C. & Lamb, M. E. (2003). Father's influences on children's development: the evidence from two parent families. *European Journal of Psychology of Education*, 18 (2), 211-218.

Main, M. (1999). Attachment theory – eighteen points with suggestions for future studies. In Cassidy, J. & Shaver, P. (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research and clinical implications* (pp. 845-887). New York: The Guilford Press.

Miljkovitch, R. (2001). *L'Attachement au cours de la vie*. Paris: PUF.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B.E., Santos, A., Bost, K. (2008) Secure Base Representations for Both Fathers and Mothers Predict Children's Secure Base Behavior in a Sample of Portuguese Families. *Attachment and Human development*, Vol. 10, Nº 2, pp. 189-206.

Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. Amadora: McGraw-Hill. (Traduzido do original em Inglês *A child's world: infancy through adolescence* (8th ed). New York: McGraw-Hill, 1999).

Pinto, J. (1982). Sobre a concepção da vinculação. *Análise Psicológica*, 1/2 (III), 47-66.

Selosse, J. (2001). Pai. In Doron, R. & Parot, F. (Eds.), *Dicionário de Psicologia* (p.555). Lisboa: Climepsi. (Obra original em Francês 1991).

Soares, I. (1996) Vinculação: questões teóricas, investigação e implicações clínicas. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 11, 35-71.

Sroufe, A. (1988). The role of infant-caregiver attachment in development. In J. Belsky & T. Nez Worthki (Eds.), *Clinical Implications of Attachment*. Hillslade: Lawrence Erlbaum.

Sroufe, A. & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.

Steele, H., Steele, M. & Fonagy, P. (1996). Associations among children of mother, fathers and their infants. *Child Development*, 67 (12), 541-555.

Verissimo, M., & Santos, A. (s.d.) *Instrumentos para a avaliação da vinculação*. ISPA. Não publicado.

Verschueren , K. & Marcoen, A. (1999). Representation of self and socio emotional competence in kindergartners: differential and combined effects of attachment to mother and father. *Child Development*, 70 (1), 183-201.

Winnicott, D. (1960). The theory of parent-infant relationship. *International Journal of Psychoanalysis*, 41.